



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
CENTRO DE HUMANIDADES - CH
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA – UAG
CURSO DE GEOGRAFIA**

**A FEIRA DE UMBUZEIRO-PB: ESTRUTURA, CRESCIMENTO E DINÂMICA
ESPACIAL**

DANIEL ARAÚJO BARBOSA

**CAMPINA GRANDE – PB
2014**

DANIEL ARAÚJO BARBOSA

**A FEIRA DE UMBUZEIRO – PB: ESTRUTURA, CRESCIMENTO E DINÂMICA
ESPACIAL**

Artigo apresentado ao Curso de Geografia da
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG,
em cumprimento as exigências para obtenção do
título de Licenciado em Geografia.

ORIENTADOR: PROFº. LINCOLN DA SILVA DINIZ.

**CAMPINA GRANDE – PB,
2014**

DANIEL ARAÚJO BARBOSA

**A FEIRA DE UMBUZEIRO – PB: ESTRUTURA, CRESCIMENTO E DINÂMICA
ESPACIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado em: ____/____/____

Prof. Dr. Lincoln da Silva Diniz.
Orientador

Prof. Ms. Eduardo Ernesto do Rêgo
Examinador

Prof. Dr. Sérgio Luíz Malta de Azevedo
Examinador

**CAMPINA GRANDE – PB,
2014**

SUMÁRIO

RESUMO	01
ABSTRACT	01
1 INTRODUÇÃO	02
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	03
2.1 As feiras nordestinas e o seu papel na organização espacial das pequenas cidades	03
2.2 A feira de Umbuzeiro: e sua nova relação com a dinâmica espacial local	08
2.2.1 A cidade de Umbuzeiro e sua formação geo-histórica	08
2.3 A feira de Umbuzeiro no contexto atual	11
2.3.1 A globalização das atividades comerciais e o declínio do mercado informal	11
2.3.2 A Feira Livre e sua relevância no contexto local	12
2.3.3 As particularidades e diversidades da feira livre de umbuzeiro	19
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
REFERÊNCIAS	23
APÊNDICE	

BARBOSA, D. A. A **FEIRA DE UMBUZEIRO-PB: ESTRUTURA, CRESCIMENTO E DINÂMICA ESPACIAL**. 28 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia). Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, 2014.

RESUMO

Apesar de ser uma prática econômica antiga, a Feira de Umbuzeiro - PB prevalece com relevância no contexto econômico atual. Ao longo do tempo esta atividade tornou-se uma alternativa de compras e lazer, com aspectos históricos remetentes a fundação do município. O objetivo geral deste artigo é analisar a dinâmica espacial atual da Feira de Umbuzeiro, buscando identificar as possíveis transformações ocorridas no setor. Neste sentido, foram estabelecidas diferentes atividades para realização do trabalho, como: revisões bibliográficas, visitas a feira, aplicação de entrevistas e questionários com os clientes e feirantes. Por se tratar de uma prática comercial exercida ao ar livre, esta contribui para que a área receba pessoas de outras cidades do entorno e mercadorias na mesma proporção, elevando o fortalecimento do sistema financeiro do local. Essa relação de mercado modifica o fluxo e a paisagem local, fazendo com que outros setores sejam instalados momentaneamente, bem como propicia ao comércio formal um aumento significativo nas vendas.

Palavras-Chave: Feira de Umbuzeiro, Dinâmica Espacial, Mercado.

ABSTRACT

Although it is an old economic practice, the Fair of Umbuzeiro - PB prevails with relevance in the current economic context. Over time, this activity has become an alternative for shopping and leisure, with historical aspects senders to the foundation of the city. The purpose of this paper is to analyze the current spatial dynamics of the Fair of Umbuzeiro, trying to identify possible changes occurring in the sector. This way, different activities were established to carry out the work, such as: literature review, visits to the fair, application of interviews and questionnaires with customers and merchants. Because it is a business practice exercised outdoors, it contributes to receiving people from other cities in the surrounding area and goods in the same proportion, raising the strengthening of the local financial system. This market relationship modifies the flow and the local landscape, causing a momentary installation of other sectors, as well as provides to the formal trade a significant increase in sales.

Key words: Fair of Umbuzeiro, Spatial dynamics, Market.

1 INTRODUÇÃO

A Feira Livre de Umbuzeiro ainda é uma alternativa de compras e lazer, com aspectos históricos pertinentes desde a fundação da prática do livre mercado no ambiente comercial da localidade. Trata-se de um comércio popular pelo qual é possível encontrar diferentes mercadorias no mesmo arranjo, como: frutas, verduras, confecções em geral, utilidades do lar, ervas medicinais, comidas típicas, entre outros produtos que fazem parte da cultura regional nordestina, agregando-se neste apanhado de livre comércio. Esta modalidade antiga de vendas concentra influências econômicas modestas em seu entorno, por liderar o escoamento de alguns artigos inexistentes nos demais dias da semana, período de dominação das vendas pelas empresas vinculadas ao comércio formal.

As atividades do livre mercado de Umbuzeiro iniciam-se nas primeiras horas da manhã dos dias de sábado estendendo-se até ao meio dia. Situando-se no centro da cidade, nas imediações da Avenida Getúlio Vargas e ruas adjacentes. A partir de leituras e relato dos moradores, notam-se indícios que esta relação comercial surgiu por volta do século XX, com a entrega do Mercado Público Municipal pela prefeitura, espaço pelo qual foi desenvolvido para realização desta prática.

Tornando-se um elemento indispensável para a conservação dos meios financeiros, a feira também auxilia na manutenção e permanência social-cultural, em contra posição as atividades desenvolvidas pelas grandes instituições e suas ramificações nas cidades de pequeno porte. Tendo em vista a alta competitividade atribuída a estas instituições, que promovem uma série de “benefícios” aos seus clientes, especificando novas formas de pagamento, qualidade e procedência das mercadorias.

Desta forma, o objetivo geral deste artigo foi de analisar a dinâmica espacial atual da feira de Umbuzeiro, na tentativa de especificar as possíveis transformações ocorridas no setor, tanto na esfera local, como em outras partes da Região Nordeste. Tendo em vista o caminho percorrido desde a antiguidade ao meio atual, na busca do entendimento dos fatores necessárias para a efetividade desta atividade econômica.

Na realização deste trabalho foram estabelecidas as seguintes etapas: revisão bibliográfica em livros, artigos científicos e dissertações que abordam estudos na área da Geografia do Comércio e Consumo, além de visitas periódicas a área incumbida aos estudos, ambiente indispensável para realização de observações empíricas. Nesse sentido, procurou-se vislumbrar e interpretar as particularidades inerentes a esta intensa movimentação de pessoas e mercadorias que compõem ações diversificadas promovendo a dinamização comercial da

área. Na busca por resultados satisfatórios e acurados para a investigação, foi necessária a realização de vinte (20) entrevistas com feirantes e clientes, com a finalidade de conhecer os produtos comercializados, tempo de serviço atuação no local, elementos históricos e estruturais da feira, vantagens e desvantagens do serviço prestado, entre outras questões difundidas no momento do diálogo. Além da aplicação de oitenta (80) questionários semi-estruturados entre clientes e vendedores do entorno, na busca de dados estatísticos.

Fato notório é a influência que este arranjo comercial exerce no entorno, pelo aumento considerável no fluxo, ao gerar renda a uma parcela considerável da população, além de propiciar a comercialização de diversos artigos, sobretudo, alguns produtos não encontrados durante o decorrer da semana no mercado formal. Esta prática mercantil é responsável por escoar as produções desenvolvidas no recorte municipal, com ênfase na agricultura familiar pouco praticada no entorno. Complementada por artigos de diferentes gêneros advindos de cidades circunvizinhas, concentrado em um local desprovido de infraestrutura e higiene para a promoção das atividades. Mantendo-se indispensável para manutenção e eficiência comercial local em suas diferentes conjunturas.

Deste modo, o entendimento acerca dos processos vivenciados pela prática no contexto municipal, torna-se uma temática expressiva para os estudos de natureza econômica, tendo em vista, a escassez destas atividades no entorno. Cabe ressaltar, a expressividade adquirida através dos fluxos gerados e da atração intermunicipal que a mesma possibilita a cada semana. A partir de diversas contingências desenvolvidas no espaço, fica claro a pertinência de investigações objetivas as temáticas proferidas pela Geografia Econômica da atualidade.

O trabalho realizado foi estruturado em duas grandes partes: a primeira incumbiu-se de mostrar, as feiras livres nordestinas e o seu papel na organização do espacial das pequenas cidades, trazendo os aspectos fundamentais pertinentes à iniciação da prática no contexto nordestino. O segundo eixo foi subdividido em três partes, pelo qual se inicia com a formação geo-histórica da Cidade de Umbuzeiro, posteriormente com as imposições advindas do Mercado Formal, finalizando com os estudos provenientes da feira local e suas interferências no contexto local no período atual.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 As Feiras Nordestinas e o seu papel na organização espacial das pequenas Cidades

Compreender o arranjo econômico implementado pelas feiras livres na região Nordeste é reportar-se a uma antiga prática comercial, importante para o escoamento da produção agrícola, principal meio de abastecimento para população. Iniciadas por intermédio de outras projeções de menor influência neste setor, as feiras receberam destaque por subsidiar a formação e o desenvolvimento dos primeiros aglomerados populacionais direcionados ao interior da região referenciada. De acordo com Lima (2009, p. 02):

As feiras-livres podem ser caracterizadas como fenômenos econômicos e sociais muito antigos tendo sido consolidadas na Idade Média entre Gregos e Romanos. Entretanto, tais práticas, são tão antigas que remontam aos primeiros agrupamentos humanos, desde que o homem deixou de ser nômade e fixou-se sobre a terra, domesticando animais e criando a agricultura.

As primeiras relações comerciais da localidade se intensificaram a partir da expansão do mercado bovino, sobretudo, nas áreas correspondentes as mesorregiões do Sertão e Agreste, tratando-se de áreas condizentes a este tipo de atividade. Desta forma, meios pautados nas relações de troca, se instituíram como ponto de partida para aquisição e venda de produtos advindos de diferentes lugares, promovendo nesta fase inicial uma espécie de comércio semelhante à configuração da Feira Livre da cidade de Umbuzeiro – Paraíba, em sua versão contemporânea. Para Dantas (2008, p. 88), “A troca de produtos surgiu e se desenvolveu na sociedade no momento em que passou a existir um excedente regular de produção, fruto do desenvolvimento das forças produtivas”.

A pecuária favoreceu a ingerência de diversos aspectos pertinentes ao desenvolvimento e integração do interior sertanejo, propiciando mecanismos fundamentais para o estabelecimento dos primeiros arranjos populacionais, desenvolvendo a fase embrionária das articulações comerciais, que a princípio tratava da comercialização do gado e posteriormente de outras mercadorias produzidas em diversas partes do território. Este novo caráter atribuído ao espaço possibilitou o surgimento dos intercâmbios de artigos variados, assim como a estruturação das relações sociais da região. Disserta Pintaudi (1984, p. 38-39) que: “A existência regular de um excedente de produção engendra a troca que, por sua vez, também passa a ser regular, e sua expansão permite o aparecimento da figura do comerciante, bem como da atividade comercial, aumentando a divisão social do trabalho.”

Esta nova centralidade criada pelo expansionismo da prática pecuária é resultado das deficiências enfrentadas por este setor na extensão litorânea, local sede das grandes instituições beneficiadoras da cana-de-açúcar da época. Os engenhos eram as entidades de maior destaque no cenário regional e por sua mão-de-obra açucareira manter-se aos padrões artesanais de produção. A escassez de animais para o trabalho nas moendas era um fator

evidente e, em decorrência desta anormalidade, houve a necessidade de buscar animais de outras localidades para o suprimento das ações em fase de desenvolvimento. Com este feito, a produção pecuária interna da região se tornou um elemento subsidiário ao progresso dos processos de produção pertinentes aos engenhos. Outorga Andrade (1963, p.75) que em: “Cada engenho era uma unidade econômica que reunia grande número de pessoas. Geralmente, além do senhor-de-engenho, vivam, no mesmo, brancos: o capelão, o mestre de açúcar, o banqueiro, o mestre purgador, o escumador, o feitor e os lavradores.”

Em contra partida a movimentação do Sertão no sentido Litoral percorrido pelos criadores e o rebanho, proporcionou avanços efetivos na construção de novos rumos que a população do interior nordestino começava a adentrar. Um ponto fundamental concebido por esta operação pautou-se na formação de vilarejos com maiores índices populacionais no entorno das passagens do trajeto. Tratando-se de uma área que intermediava o acesso às duas perspectivas econômicas, a zona do Agreste contemplou a formação dos maiores povoados, sobretudo, pelo posicionamento geográfico central e estratégico. Esta centralidade permitiu outras conquistas significativas no espaço, congregando as novas feições do mercado, que evoluía a condição das trocas, para situar as chamadas “praças de mercado”, modelo condizente com as necessidades atribuídas pela sociedade crescente. Dantas (2008, p. 92), afirma:

A pecuária foi responsável pela fixação da população nas áreas do Agreste e do Sertão nordestino, criou as condições para o estabelecimento dos primeiros núcleos de povoamento e, conseqüentemente, para o estabelecimento das relações comerciais, inicialmente, voltadas para a comercialização do gado e, posteriormente, para a evolução para as atuais feiras livres.

Mesmo com menor intervenção no mercado econômico interno, a atividade criatória nordestina surge no contexto local com maior relevância em contraposição as ações sucedidas pelos engenhos. Isto resultante das intervenções e conquistas de novos territórios entrelaçados com a formação de excedentes populacionais em áreas remotas e distantes de qualquer arranjo estrutural. Em razão a este processo evolutivo, criaram-se mecanismos logísticos e sociais que pautavam-se em dinamizar estas localidades, passivo a constituição de mercados, um fator preponderante ao desenvolvimento deste arcabouço comercial. O fato da produção desenvolvida pelos engenhos ser direcionada em sua maioria ao mercado internacional por intermédio das exportações, fez com que resultasse em uma ação com escassa funcionalidade direta, para o expansionismo do comércio regional.

Em reflexo às dimensões alcançadas pelo livre comércio, atualmente a mesorregião em destaque é, atualmente referência nesta dimensão de consumo, resistindo às feições do

mercado contemporâneo. Neste sentido, a ação das Feiras livres como proposta de atividade é significativa para a definição da produção espacial de parte das cidades brasileiras, sobretudo, as de pequeno e médio porte situadas nesta dada região. Em referência ao livre comércio nas cidades do Nordeste, Santos (2013, p. 764) expõe:

As feiras-livres, portanto, são significativas para se compreender a produção do espaço em algumas cidades brasileiras, especialmente, as pequenas do Nordeste onde se caracterizam pela centralidade destacando-se em alguns centros regionais como: o eixo Caruaru-Toritama-Santa Cruz do Capibaribe-PB; Campina Grande-PB; Feira de Santana; Tobias Barreto- SE, entre outros.

Notoriamente, deduz-se que o modelo de negociação arquitetado por estas relações de mercado, proporcionou vislumbrar outras particularidades impostas por este meio. Estas marcas não estão diretamente vinculadas às práticas comerciais, mas possibilitam as intermediações entre os atores sociais envolvidos nos processos. Este arcabouço social, adquirido por diversas edificações ampliadas ao longo do tempo, permite distinguir o quanto a cultura regional tornou-se uma causa evidente para o êxito da atividade, que persistia na paisagem comercial nordestina. Assim como diversos formatos de manifestações culturais-artísticas como: as cantorias, comidas típicas, artesanatos e materiais simbólicos, particulares entre as cidades. Para Gonçalves (2007 p.53).

“[...] no recinto das feiras livres não ocorre apenas à comercialização formal, mas evidencia-se a relação de comunidade, ou seja, o sentimento de cooperação e amizade está imbricado nas relações comerciais entre os feirantes e os seus clientes, geralmente tratados por fregueses, gerando aparência de afetividade comercial”.

As feiras livres do século XXI posicionam-se como um meio comercial relevante para economia do território sertanejo, em contra partida houve a necessidade de algumas atualizações para garantir sua existência no mercado atual. Concorrer com o comércio formal, que oferece uma série de benefícios aos clientes, torna-se a cada dia uma tarefa dura de enfrentar, tendo em vista que os processos organizacionais das grandes empresas acabam por desvincular este eixo de mercado praticado ao ar livre, possibilitando ver que as feiras em determinadas áreas tornam-se apenas ambientes simbólicos sem investimentos, nem tampouco infraestrutura adequada para a prática. Este livre mercado é movimentado de maneira simplificada e aberta a todos, contribuindo para a predominância de vínculos que este cultura desde os seus primórdios. Neste contexto, Santos (2013, p. 765-766), reflete a acerca de que:

Nessa perspectiva, a sociedade capitalista atual, marcada por um processo produtivo avassalador, necessita, no âmbito da distribuição, de formas de comércio e de estratégias de vendas equivalentes a esse processo produtivo, sendo uma das possibilidades de compreensão da complexidade social existente nas cidades brasileiras a co-presença de formas de comércio modernas, tais como: Shopping

Center, comércio 24 horas, o sistema de franquias, hipermercados, entre outros; e atividades comerciais tradicionais.

Na tentativa de igualar-se a formalidade os espaços populares necessitaram de meios condicionantes à organização e estruturação do modelo comercial. Este novo método, calcado na reorganização trouxe ao ambiente livre da feira mudanças não condizente com a sua proposta inicial, isso ocorreu pelo fato do negócio sistematizado promover aos clientes novas formas de aquisição dos produtos, prometendo formas de pagamento parceladas, higiene, qualidade e procedência das mercadorias. Estas características supostamente positivas ganharam espaço entre consumidores, trazendo prejuízos e conseqüentemente o sucateamento desta prática de mercado. Destaca Mascarenhas (2008, p.80) que:

Neste eterno jogo de modernização da modernidade nenhum evento ou edificação estará garantido. Sendo assim, a feira livre será priorizada segundo as medidas tomadas pela administração local, enquanto atender os anseios desta população culturalmente moderna, que facilmente substituirá velhas formas por novas formas de comércio conforme estas lhe parecerem mais à direita da linha do progresso.

Nas cidades pequenas, sobretudo, as situadas no interior, esta prática econômica é movimentada com maior intensidade, tendo em vista que as empresas responsáveis pelas vendas de produtos em diversos ramos, principalmente alimentícia, calçados, confecções encontram-se em maior proporção nas regiões metropolitanas e cidades pólos, ficando a cargo das feiras livres abastecerem uma parte considerável da população com estes produtos. É um fato notório que a feira livre é vista como meio significativo de vendas significativo nestas regiões, por absorver agricultura familiar, meio de renda de uma parcela alta da população. Esta ação econômica movimenta anualmente milhões de reais, permitindo-nos vislumbrar o grau de atuação no espaço. Podendo ser considerada como uma ação integrada de formas comerciais, por incluir seguimentos distintos e nesse caso, o apanhado de fábricas independentes orquestradas a partir da iniciativa local, a agricultura, a pecuária e seus derivados, encontra nesta projeção uma porta no escoamento considerável para a mercadoria. De acordo com Lira (2011, p.80), “[...] é fundamental entender que os territórios do agreste foram se desenvolvendo e como as inter-relações socioespaciais, historicamente criadas, têm influído para a expansão do aglomerado de micro e pequenas indústrias”.

No que se refere à relevância das feiras livres nas pequenas cidades, pode-se destacar a dependência a esta prática. A ocorrência desta em apenas um dia na semana, é tempo suficiente para escoar as pequenas produções desenvolvidas, assim como mercadorias vindas de outras áreas. Este meio ainda favorece outros setores não diretamente aliados ao livre comércio como, os transportes para uso da população e das mercadorias, aquecimento das

vendas no comércio formal mercadinhos, mercearias, lojas de eletrodomésticos, casas de matérias de construção, entre outros. Coutinho (2006, p.04) menciona que a:

A feira favorece outros setores da economia, através da circulação de capital dos feirantes, que após a comercialização de seus produtos, costumam comprar a vista em vários, estabelecimentos do município, tais como supermercados, lojas de roupas, sapatos, produtos agrícolas, farmácias e materiais de construção.

Com tudo, a base atual para existência das feiras livres, está relacionada à dependência econômica das cidades de menor porte em posição a referida atividade como o caso de Umbuzeiro. Desta forma, o processo pelo qual a mesma desempenha para estas localidades, eleva o livre comércio, a um patamar de dimensões significativas no que tange a participação nas vendas dos diferentes gêneros de produtos dispostos. Uma prática de mercado que abrange diversas dimensões, sobretudo, o setor do mercado formal, que acompanha o ritmo da feira e utiliza esta como meio direto ou indireto para escoamento das mercadorias.

2.2 A Feira de Umbuzeiro: e sua nova relação com a dinâmica espacial local

2.2.1 A cidade de Umbuzeiro e sua formação geo-histórica

No auge das transformações ocorridas no interior nordestino, adquirido a partir do expansionismo da criação de gado, diversos fatores condicionaram o estabelecimento da população nestas localidades, sobretudo, nas áreas correspondentes ao Sertão e Agreste. Essas novas projeções intensificaram-se no meio, propiciando além da fixação da sociedade, a construção de todo um arcabouço comercial pautado nas relações de mercado, inicialmente no ramo bovino e seus derivados, posteriormente em outras culturas de origem agrícola familiar.

Deste modo, a pecuária desenvolvida nas propriedades situadas neste recorte espacial, era subsidiária aos trabalhos desenvolvidos pelos engenhos, que ao breve momento se destacavam como maiores produtores e beneficiadores de cana-de-açúcar no país. Estes situavam-se primordialmente na zona da Mata e nas proximidades, por se tratar de uma produção de origem manual, havendo necessidade de trabalho de muitas pessoas e animais, para movimentar as moendas responsáveis pela extração da polpa da cana. A pecuária sertaneja tratava de fornecer boa parte deste rebanho e desta forma inicia-se um mercado pautado nas trocas, as criações eram negociadas em produtos diversos nos engenhos.

Nestas viagens entre o Sertão no sentido o Litoral, os povoados situados no Agreste intensificaram-se nas atividades logísticas, sendo estas pautadas no acolhimento das tropas e do gado, assim como tornou-se um ponto para as relações de troca entre moradores e viajantes

oriundos de diversas partes do Nordeste. Por situar-se nesta área intermediária, o espaço que compreende o município de Umbuzeiro, fomentou a difusão destas práticas comerciais. Este território favoreceu tanto a entrada quanto a saída de diversas mercadorias advindas das localidades produtoras. Para Gomes (1995, p. 16), “Os tropeiros conduziam o algodão da região e de Campina Grande a Recife, a fim de ser beneficiado. Graças a esse comércio Umbuzeiro, então sitio do município de Cabaceiras foi ponto de pouso e pernoite desses aventureiros”.

Desta forma, essas interligações iniciais de mercado proporcionaram a localidade, avanços na perspectiva populacional e comercial no espaço. Estas ascensões acarretaram diferentes proposições no recinto, galgadas nas definições entre os limites territoriais e conjunturas políticas. A partir da rotatividade do gado e do escoamento do algodão, Umbuzeiro apesar de apresentar-se como povoado de sítio, com um índice populacional baixo, propiciou a efetivação de atividades realizadas em cidades ou povoados de maiores proporções. Diversos fatores corroboraram para a elevação da área no que tange as práticas de mercado, a mais evidente é a sua posição geográfica no espaço, onde a mesma situa-se entre a divisa da Paraíba e Pernambuco, ou seja, mercadorias e animais de diferentes localidades utilizavam esta rota para seus fins comerciais e com isso o povoado pequeno passa a ser referência do seu entorno. De acordo com dados do IBGE (2014), “Em pouco tempo já se constituía no antigo Pouso do Umbuzeiro, o núcleo de mesmo nome e, próximo, o de Natuba, este de maior progresso, inicialmente. Impulsionavam-nos economicamente a lavoura e a criação de gado”.

¹Impulsionado pela grande quantidade de mercadorias transitadas em suas rotas, Umbuzeiro propiciou que outras localidades expandissem seus negócios e através desta, fazendo com que as localidades das diferentes mesorregiões recebessem produtos diversificados. A partir desta porta de livre comércio, o município começa a receber suas primeiras estradas que a interligavam nos grandes centros produtores e beneficiadores das mercadorias. Assim a rotatividade promovida por este arcabouço comercial, promove ao território ao longo do tempo uma zona de tráfico intensa dinamizando a área. As estradas abertas neste período serviram como ponto de partida para mais tarde ser construída as vias asfálticas, utilizada pelos diferentes meios de transporte da contemporaneidade. Salienta Gomes (1995, p. 17) que, “No caminho dos aventureiros tanto de Umbuzeiro como de Bom

¹De acordo com o Censo 2010 do IBGE, a Cidade de Umbuzeiro localizada na porção de Agreste do Estado da Paraíba, possui uma população estimada em 9298, situada em uma área de 181,327 quilômetros quadrados, com um IDHM (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal) de 0, 584. O município detém um baixo índice de produção de alimentos seguido da escassez da criação do gado.

Jardim foram pontos de descanso. Desse desbravamento surgiu à estrada carroçável Umbuzeiro-Limoeiro e Umbuzeiro-Campina Grande, hoje asfaltadas”.

Com estes avanços, o então povoado, foi elevado ao nível de vila e por volta do ano de 1890 através de decreto passou a responder como município, efetivando-se anos mais tarde pela lei estadual nº 225, de 19-11-1904, sendo pertencente ao município de Ingá, Umbuzeiro recebe algumas vilas e povoados. Sobre as localidades dominadas pela nova cidade Gomes (1995, p. 18) descreve alguns, como: “Mata Virgem, Aroeiras, Natuba, Barra de Natuba, Pedro Velho, Pirauá, Oratório e outros lugarejos vizinhos sem menor importância”.

Diante dessa nova projeção, o município passa a comandar uma porção considerável do espaço e nesse contexto, surgem às edificações públicas no ato de oferecer os serviços ao local como hospital, cadeia, igrejas, postos de saúde e outros órgãos, propiciando ao entorno a centralidade dos serviços. Por abranger nesta época muitas vilas que hoje encontra-se em situação de município, Umbuzeiro perdeu um espaço considerável e, conseqüentemente, o seu alto quantitativo populacional, localidades como Natuba, Aroeiras e Santa Cecília a tempos atrás receberam a sua emancipação, corroborando para a fase de estagnação econômica nas atividades e o seu retrocesso nessa perspectiva. Por volta da década de 50 essa situação torna-se evidente e o território tem seu crescimento estacionado.

Neste meio de declínio vivenciado a partir da descontinuação de parte das vilas e distritos, Umbuzeiro logo perpassa para o momento de regresso, este é advindo por intermédio da influência que os antigos espaços dominados passaram a dinamizar e conquistar novos territórios, assim estas novas sedes municipais retiraram várias fatias do mercado umbuzeirense e como consequência a anfitriã entra num processo generalizado de perdas comerciais. Neste meio tempo a sede passa a oferecer as novas cidades os serviços públicos como, Delegacia, Hospital, Fórum, DETRAN e outras instituições deste gênero.

Na década de 1970, apesar de todos os retrocessos, o processo de modernização e infraestrutura permearam na paisagem local, este avanço surge das necessidades indispensáveis da cidade, deste modo às obras para melhoria do saneamento básico, assim como calçamento, esgoto e água encanada, propiciavam partes das novas aquisições sociais, mesmo depois de perder parte de sua influência comercial existentes em períodos passados. Este novo arranjo a se projetar, contava também com pavimentações asfálticas de vias que interligam o município a outros a sua volta

Apesar de pequena, Umbuzeiro beneficiava-se com os resquícios da época que ainda encontrava-se na condição de vila, aperfeiçoado com implementação destas novas projeções, mediante a isto, o comércio local apresentava eficiência em relação ao número de moradores

presentes neste período. Discorre Gomes (1995, p. 27) no tocante a economia que: “O comércio era pequeno, porém atendia a cidade e vizinhança, como lojas de tecidos, agência da Coletoria Estadual, Receita Federal, do IBGE, dos Correios, Órgão do Ministério da Agricultura, entre outros em nível de Estado”.

Atrelado a esta parte do mercado formal, Umbuzeiro exerce influência também, no que tange a sua proposta inicial de comércio, a Feira Livre iniciada na área desde a época dos tropeiros, promove até os dias que sucede o meio indispensável na consolidação do local no que se refere às diversas características atribuídas à fixação da população na área. Este setor de livre comércio destaca-se no meio por sua versatilidade e permanências ao longo do tempo, desta forma, a mesma coopera para que muitos setores da cidade mantenham-se aquecidos e permanentes mesmo com as imposições advindas do mercado formal e suas tecnologias. Apesar do caráter arcaico de vendas, a Feira prevalece no contexto da localidade, buscando englobar novos setores para manter-se competitiva e conservada nos dias contemporâneos.

2.3 A feira de Umbuzeiro no contexto atual

2.3.1 A Globalização das Atividades Comerciais e o declínio do Mercado Informal

O processo de sistematização que o mundo acompanha na atualidade, permite vislumbrar as dimensões que os avanços tecnológicos têm alcançado. Desta forma, os diversos meios, sobretudo, ao que se refere às proposições comerciais, proporciona no campo dessas inovações a liderança e a confiabilidade advinda por parte da população, adquirida pela forma de oferecimento dos serviços e os diversos mecanismos de negociação para o atendimento cada vez mais individual. Este modelo de desenvolvimento no viés econômico atravessa as diferentes linhas e recortes populacionais, proporcionando a modernização dos setores já existentes ou progredindo para o fim de suas práticas no espaço pelo qual havia sediado as suas funções. Esta técnica de unificação e centralização das atividades, permite que os espaços recebam novas funções nos mais diferentes contextos, fomentando essas desordens e anormalidades que iniciam-se maneira passiva na perspectiva de mercado local. Salienta Santos (2000, p.13) que:

[...] o sistema técnico dominante no mundo de hoje tem uma outra característica, isto é, a de ser invasor. Ele não se contenta em ficar ali onde primeiro se instala e busca espalhar-se, na produção e no território. Pode não o conseguir, mas é essa sua vocação, que é também fundamento da ação dos atores hegemônicos, como, por exemplo, as empresas globais.

Este método de reprodução comercial, calcado no regime capitalista, gerenciada de maneira sistemática e provida de variadas formas de exploração do espaço, surge nas cidades de médio e pequeno porte a partir das intervenções de mecanismos que agregam vínculos diretos ou indiretos no entorno. Desta forma, surge no ambiente de mercado formas de venda com a ótica pautada na reprodução do capital, tendo em vistas que este fator torna-se indispensável para sua existência no ambiente que se reformula e agrega valores com o decorrer do tempo.

Por sua vez o comércio desempenhado de maneira informal, concebido e estruturado junto à cultura e a história do local, tende a declinar-se na maioria dos casos, por não oferecer as atualizações tidas como fator precursor ao avanço, tornando-se ambientes simbólicos e esquecidos pelas organizações políticas e sociais, fomentando a desarticulação para ceder espaço aos novos asseios da população. Esses fatores são perceptíveis nas projeções que parte das feiras livres tem permeado na atualidade, assim como o seu papel de importância para população. Neste contexto, estas fazem parte das últimas parcelas do arcabouço comercial primitivo e permeiam em alguns espaços com uma série de anormalidades que fragilizam ainda mais a sua permanência na era da modernidade. Este desequilíbrio seguido do manuseio inadequado dos produtos e a falta de infraestrutura fazem com que esta deixe de ser um atrativo para as práticas de mercado. De acordo com Gonçalves (2007): “as feiras vivenciam uma crise, principalmente nas cidades metropolitanas onde as pessoas não encontram tempo para as relações de comunidade”.

Nas cidades menores como o caso de Umbuzeiro a Feira Livre, permanece na paisagem como uma importante rota de escoamento de produtos diversificados. Neste sentido, apesar de ser uma estrutura comercial arcaica, prevalece no entorno com destaque em relação às demais atividades econômicas.

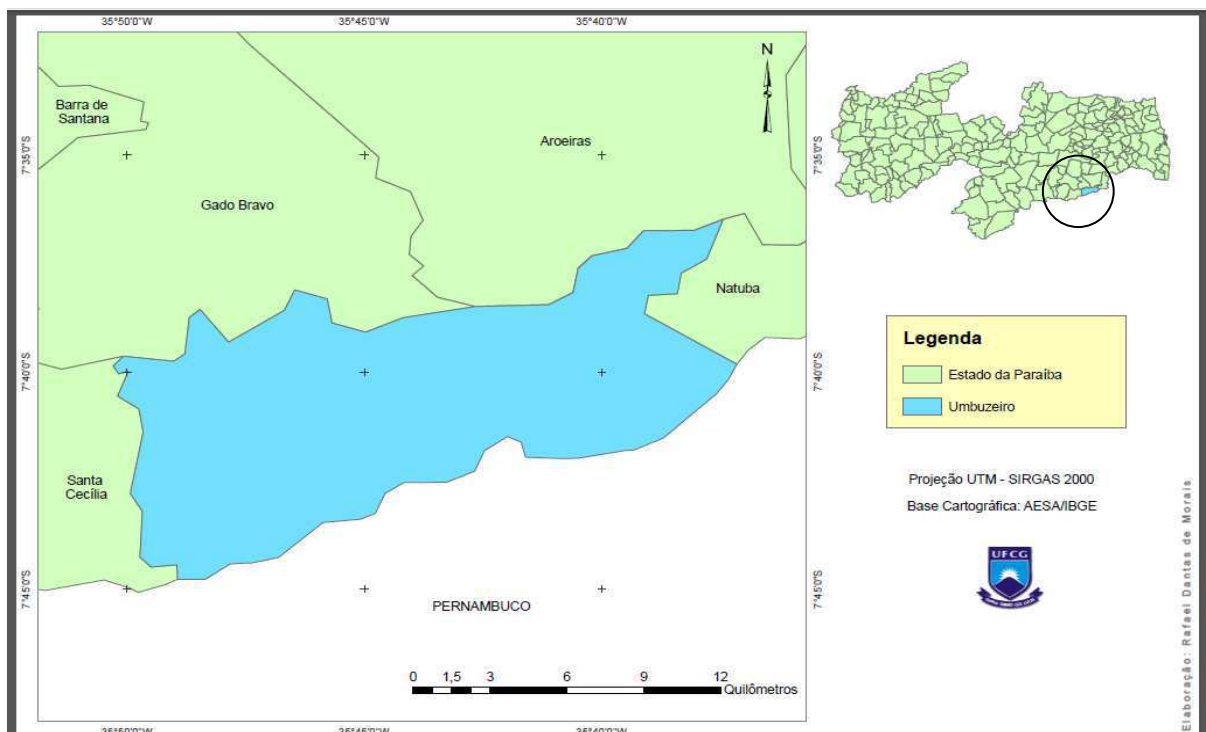
2.3.2 A Feira Livre e sua relevância no contexto local

O município de Umbuzeiro situa-se na região de Agreste do Estado da Paraíba, compreendendo uma área de 181, 327 Km² conforme o mapa 01. A maior parte do seu território é composta por zona rural, com mais de vinte povoados incluindo dois Distritos.

A feira acontece nos dias de sábado, ocupando uma parte considerável do espaço central da cidade. A mesma inicia-se nas imediações da Avenida Getúlio Vargas, por ser o local que abriga o Mercado Público Municipal, uma edificação antiga do entorno e símbolo do livre comércio desempenhado na cidade. Este prédio é considerado o fator preponderante para as

práticas de mercado desenvolvidas em seu entorno. Pelo fato de décadas atrás, estas atividades serem geridas apenas em seu espaço interno, tendo em vistas a pequena quantidade de barracas e do baixo índice da população que o município acolhia. O Mercado central da cidade nesta fase embrionária promovia a venda de produtos agrícolas derivados do próprio entorno e algumas mercadorias de cidades vizinhas, principalmente Orobó e Casinhas, situadas no Estado de Pernambuco. Deste modo, o viés inicial preponderante para existência da Feira na sua versão contemporânea, prevalece das antigas relações vivenciadas no espaço construído pela Prefeitura Municipal, disponibilizado a população por volta da década de 1920.

Mapa 01 – localização do Município de Umbuzeiro no Estado da Paraíba



Fonte: Elaborado por Rafael Dantas de Moraes, 2014

A partir do aumento considerável da população, atribuído ao surgimento das instituições governamentais de diferentes âmbitos e das migrações de outras localidades, a feira começa a desenvolver-se tanto na perspectiva populacional, quanto na variedade de mercadorias disponibilizadas. Neste meio termo, a demanda multiplicou e as instalações públicas cedidas para a prática, mostravam-se insuficientes para atender a demanda crescente. Desta forma, o aumento das barracas e conseqüentemente das mercadorias, logo foram ganhando os espaços exteriores do prédio, nas suas diferentes entradas e saídas. Esta falta de acomodação era tipicamente sentida pelos comerciantes oriundos de outras localidades, do modo que, os ambientes físicos eram primordialmente disponibilizados aos feirantes do próprio município.

Foto 01 – Mercado Público Municipal



Foto: Daniel Araújo Barbosa (11/06/2014)

Apesar de ser construído há muitas décadas atrás, o Mercado não recebeu atualizações significativas para atender as novas feições do mercado e este aspecto norteou a fixação da prática comum de mercado, que trouxe novas especificidades à área. Com o passar do tempo este crescimento desordenado promoveu a troca de funções no espaço do próprio mercado, antes a instalação abrigava mercadorias de diferentes gêneros, posteriormente passou a abrigar apenas venda de cereais e grãos, enquanto o ambiente aberto recebeu os demais produtos, como hortaliças, frutas, verduras, carnes, utensílios do lar e etc. Diante de uma entrevista o feirante J. M. G, salientou que: “a Feira de Umbuzeiro é um espaço de grande variedade de produtos para os clientes comparem, onde posso vender minha mercadoria e adquirir outros produtos comercializados aqui” (13/06/2014)².

Esta nova função atribuída à feição externa auxiliou o estabelecimento de diferentes mercadorias que logo foram agregando-se na paisagem local, favorecendo o crescimento e a dinamização das ações, assim como, o oferecimento de diversos produtos ao ar livre. Para o vendedor de roupas A. B. A: “trabalhar em locais abertos, é mais lucrativo, pois os clientes encontram as mercadorias com facilidade e o estoque acaba rápido. A feira livre de Umbuzeiro é a maior entre as que trabalho neste ano, começo a montar minha barraca as cinco (05) da manhã e na maioria das vezes, as nove (09) já estou desmontando por que já tenho vendido meu estoque” (13/06/2014).

² Optou-se nesta pesquisa não revelar o nome das pessoas entrevistadas, referenciando apenas as letras iniciais dos seus respectivos nomes.

Nesta troca de função regida pela disponibilidade de infraestrutura do próprio mercado, possibilitou a geração de diferentes territorialidades situadas entre as ruas do centro. Com isso, porções foram subdivididas aleatoriamente, com a intenção de agregar em partes do espaço a venda do mesmo produto, por diferentes feirantes e suas respectivas barracas. Neste contexto, novas atribuições iniciaram-se posteriormente com a chegada das mercadorias de outros ramos. Com tudo é possível visualizar diferentes territorialidades dispostas no interior da Feira: o ambiente das frutas e verduras, o comércio de equipamentos e materiais de construção, o domínio do transporte de pessoas e mercadorias, o setor de vestuário e utilidades do lar e o próprio Mercado Público já citado, encarregando-se oferecer apenas cereais e grãos.

As frutas e verduras, dispostas em maior proporção na Rua da Conceição, proporciona ao cliente uma repleta gama de produtos variados deste gênero, nos quais permeiam neste ambiente com certas particularidades que a torna indispensável e possibilita sua coexistência desta no meio atual. A mesma torna-se comum e essencial no entorno, pelo fato, de não haver concorrência direta na venda destes artigos. O comércio formal desempenhado todos os dias da semana, apesar de negociar diversos itens, não dispõe de tais produtos em seus estoques. Em detrimento a atuação desta no contexto local, cabe salientar que, a falta de infraestrutura alicerçada pela ausência de órgãos fiscais e controladores, permite que o local seja apresentado com inúmeras deficiências em diferentes aspectos que poderão levar a sua extinção no decorrer das décadas.

A empresária de J. C. B, 42 anos, consumidora da feira há 22 anos, discorre a respeito das precárias instalações existentes no recinto, argumentando também medidas de melhoramento: “a Feira de frutas é desorganizada e suja, pelo fato de haver bancas velhas e muitos produtos vendidos no chão, seria importante a compra de novas barracas para colocar as mercadorias, por boa parte dos alimentos serem consumidos sem lavar ou cozinhar é de grande importância para que a saúde das pessoas não seja afetada com este descuido visto no passar do tempo na feira” (13-06-2014).

Com ênfase no mesmo local, o Vigilante G. S 37 anos, usuário da feira a cerca de uma década, salienta que: “a feira precisa aumentar o número de bancas para retirar os produtos do chão imediatamente, como medida de higiene para todas as pessoas que compram aqui na rua, pois há muita sujeira no calçamento da rua, podendo gerar muitas doenças a população principalmente nas crianças e nos idosos” (13-06-2014). As deficiências explicitadas são visíveis e preocupantes nas fotos 02 e 03, se analisarmos na perspectiva da saúde pública,

tendo em vistas, que inúmeros casos de pessoas com intoxicação alimentar e outras doenças indagadas pela população usuária.

Fotos 02 e 03 – Comércio de frutas e verduras da feira de Umbuzeiro



Fotos: Daniel Araújo Barbosa (17/05/2014)

Os equipamentos e materiais de construção fazem parte de outra parcela significativa das vendas no entorno da Praça Getúlio Vargas. Desta forma, grande parte destes produtos é exposta aos compradores nas bancas com variedade. A venda dessas mercadorias permanece intensa aos sábados pelo fato do preço praticado, em relação às casas de materiais de construção ser relativamente menores, atrelado a inexistência de certos produtos não encontrados no decorrer da semana no comércio formal. Neste sentido, o meio de compras conserva-se no ambiente de forma solidificada, porém em menos evidência em relação a décadas anteriores, a qual possuía uma fatia considerável nas vendas.

Os diversos meios de transportes são indispensáveis na realização da maioria das atividades econômicas. No caso da Feira de Umbuzeiro, há diversos meios de locomoção dos clientes, feirantes e suas respectivas mercadorias. A forma de deslocamento utilizada com evidência pelas pessoas são os Jipes Toyota, advindos dos povoados do município, assim como, de outras cidades do entorno. Estes também são responsáveis por locomover os produtos dos diferentes recantos até o pátio da feira local, bem como propicia o retorno dos clientes e seus artigos. Outros meios como as vans, carros de aluguel, automóveis próprios e motos auxiliam no deslocamento.

Em relação às ineficiências e transtornos que estes diversos meios de transporte proferem no ambiente, a Professora M. R. B discorre que: “Muito precisa ser feito para melhorar, principalmente a questão do trânsito que se mostra caótico aos sábados pelo grande fluxo da feira aqui em Umbuzeiro, como também outros setores internos do comércio como

um todo que não dá para as pessoas se locomoverem com tranquilidade. Para melhorar seria necessário o fechamento das ruas, para que só os clientes e feirantes utilizem o local e os transportes ficassem nas ruas próximas sem prejudicar o andamento da feira” (17/05/2014).

A atuação dos pequenos fretes no interior do comércio informal de Umbuzeiro torna-se um elemento fundamental para manter a ordem do fluxo das mercadorias, através dos carros de mão, os bens podem circular onde os demais transportes não podem chegar, fomentando a regularidade das práticas. O feirante A. M. S explana a importância desta atividade: “o trabalho das carroças dentro da feira é importante, sem elas as mercadorias não teria como chegar às nossas barracas, nem como sair da feira com as sobras. Sem as carroças ficaria complicado, trabalhoso e levaria muito tempo para fazer este serviço, além de ser cobrado muito pouco” (20/06/2014).

O setor de roupas e vestuários em geral, absorve uma parcela significativa do mercado informal umbuzeirense, apresentando-se em maior proporção na Getúlio Vargas. Um ramo que apresenta grande variedade de peças e modelos, com perspectivas de crescimentos visíveis no decorrer de cada encontro semanal. Esta progressão acentuada referencia-se a partir da ausência de espaços na Avenida citada, ocorrendo à necessidade de avançar suas práticas em outras ruas adjacentes, bem como outros locais onde os produtos de diferentes gêneros estão vinculados. A Estudante Universitária M. G. D, 47 anos, retrata a venda significativa deste recorte do livre mercado: “a evolução maior foi no setor de vestuário, cama, mesa e banho. Por consumir a maior parte do espaço da feira livre de Umbuzeiro e também por conta do valor das mercadorias, que são verdadeiros atrativos para comprar. Outro ponto é justamente as inúmeras peças de roupas diferentes que aparecem a cada feira” (20-06-2014).

Estes artigos são provenientes das confecções localizadas no Agreste do Estado de Pernambuco, advindas principalmente das Cidades de Toritama, Santa Cruz do Capibaribe, Caruaru, bem como produções de outros municípios vizinhos com percentuais menores de produção. Os mesmos são trazidos por comerciantes da própria localidade, de outras cidades e em alguns casos o próprio fabricante encarrega-se de revender no sábado. Na área é possível adquirir estes bens com valores inferiores aos praticados pelas lojas físicas do Município. Alguns desses materiais apresentam qualidade duvidosa, outros são provenientes das fábricas de marcas conhecidas pela população moradora dos dois Estados. Neste sentido, o comércio formal encontra-se deficiente em relação às práticas desenvolvidas pela Feira, pela quantidade, diversidade e custo benefício das peças.

A Enfermeira M. C. O confirma a eclosão da prática desempenhada no entorno: “Na Feira os artigos que mais evoluíram, são os vindos de Santa Cruz e adjacências, por haver uma grande variedade em estoque, bem como, dispõe de uma qualidade razoável, bom preço para o cliente comprar e trocar quando bem precisar, pois os vendedores fazem qualquer acordo para repassar os seus produtos” (20/06/2014).

O fato do escoamento rápido e facilitado, resultado dos fatores citados anteriormente, auxilia na chegada de novos e exemplares favorecendo a atualização periódica dos estoques, que por sua vez, estimula o freguês a adquirir novos produtos. São perceptíveis as atuações e as dimensões que o meio recebeu durante o tempo. Deste modo, o ambiente informal de varejo do entorno apresenta-se com crescimento significativo, longe de possíveis declínios. A. D. C, vendedor de produtos desta categoria, discorre que: “a cada semana aparece um novo comerciante de roupas, lençóis, jeans ou tolhas aqui em umbuzeiro, isso aumenta a variedade de mercadoria para os clientes comprarem, o problema é que eleva a concorrência, fazendo com que muitas mercadorias fiquem no estoque por mais tempo” (20/06/2014).

Os demais setores da Feira Municipal permanecem presentes com menor influência no espaço. Em contra partida, são indispensáveis para a manutenção e diversificação da prática. Desta forma, a venda de CDS, celulares, eletrônicos, alimentação e o mercado de animais, permeiam sob estas condições. Apesar de apresentarem-se em menor proporção no recinto, estes respondem por vendas significativas, ainda que se mantenham desarticulados espacialmente no livre comércio local. Todavia, a integração destas atividades de menores dimensões, corrobora para a que novos setores sejam implementados, assim como novas territorialidades. Sobre este recorte espacial, a cliente N. L. L. F, usuária do espaço há 14 anos, salienta que: “ir aos sábados fazer compras na feira de Umbuzeiro é um costume antigo da população, a cada dia vemos novos produtos que são comercializados aqui, antes eu comprava apenas frutas, verduras, carnes, e algumas roupas. Hoje podemos comprar muitas outras coisas como: pen drives, capinhas para celular, aparelhos de som e muitos aparelhos eletrônicos, que são vendidos com um preço menor” (20/06/2014).

Cabe ressaltar, que dentre estas relações de mercado ocorre outras práticas que viabilizam e reproduz as ações, condizentes as propostas reais atribuídas ao período do surgimento do meio como prática comercial. Desta forma, as relações de vivência cativadas por clientes e feirantes, tornam a Feira de Umbuzeiro, um ambiente que supera as simples movimentações econômicas, propiciando que outras operações como, as trocas de mercadorias, o próprio hábito de adquirir produtos com pagamentos facilitados informalmente, descontos e doação de alimentos impróprios para o consumo para alimentação

de animais. Ir ao ambiente central da referida cidade aos sábados, torna-se para muitos frequentadores, um ambiente de diversão, pelas diferentes formas de manifestações culturais, assim como, a oportunidade de rever pessoas, conversar, circular nos corredores das bancas e adquirir outros produtos que não são “essenciais” para o uso, como: relógios, bolsas, celulares, lanches entre outros.

Neste contexto, o aposentado P. A. M, usuário do comércio de Umbuzeiro há 40 anos, explana que: “compro na feira desde menino, aqui conheci muitos amigos que até hoje trabalham nela, fui carroceiro por muito tempo, e sempre venho aqui para rever as pessoas, conversar e comprar coisas que só se encontra aqui” (17/05/2014).

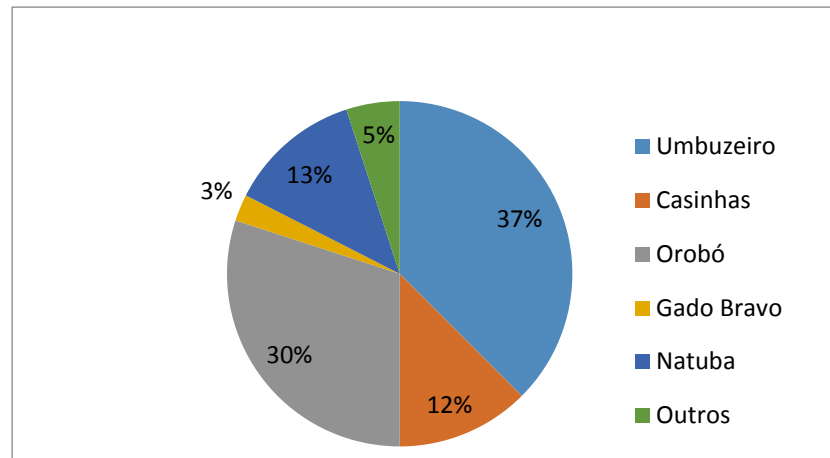
Atrelado a estas proposições, o livre comércio é responsável por abrigar as pequenas, médias e grandes produções dos diversos vendedores. Posicionando-a como meio acolhedor das diversas categorias de mercadorias e pessoas de diferentes conjunturas sociais. No contexto atual, as práticas cultuadas no entorno da feira de Umbuzeiro, permite vislumbrar as suas permanências encontradas evidentes na paisagem comercial, contemplada a partir de novas funções adquiridas posteriormente, que corroborou para fixação e realização das atividades, mesmo com a concorrência significativa dos mercadinhos e mercearias situadas no entorno.

2.3.3 As Particularidades e Diversidades da Feira Livre de Umbuzeiro

³Em seus longos anos de existência a feira apresenta-se como um referencial de compras aos sábados, tornando-se uma paisagem de aprendizado constante e ambiente gerador de várias particularidades. Embora se trate de uma atividade desempenhada em um curto espaço de tempo, entendemos que a Feira oferece certa mobilidade, gerando pequenas movimentações entre as pessoas do local, bem como das cidades circunvizinhas. De acordo com o Gráfico 1, 37% dos feirantes são oriundos de Umbuzeiro. Por sua vez, isso mostra que o comércio ao ar livre é constituído por pessoas de outras cidades, tanto na perspectiva de comprar ou vender.

³ Os dados disponíveis nos gráficos 1, 2 e 3, foram adquiridos a partir da realização de 80 questionários semi-estruturados, destinados aos clientes e vendedores, entrevistados entre os dias 12 e 19 do mês de julho do corrente ano, no ambiente da Feira Livre de Umbuzeiro - PB. Desta forma, os resultados obtidos com a pesquisa de campo, foram editados no programa Excel, convertidos em porcentagem para representação das problemáticas existentes na área estudada.

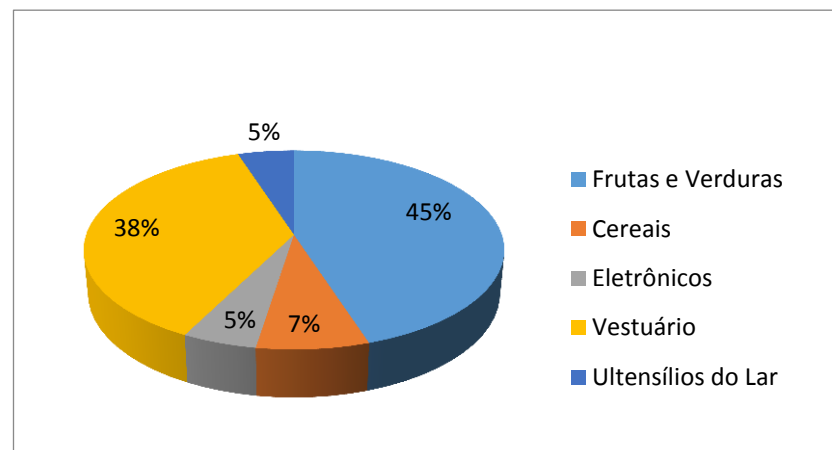
Gráfico 1: Origem dos vendedores da feira de Umbuzeiro



Fonte: Dados da pesquisa de campo, jul./2014.

Entre os produtos da Feira, as frutas e verduras apresentam-se como os mais vendidos, tendo em vista os questionamentos dos clientes disponíveis no Gráfico 2. Este eixo comercial é responsável por 45% do que é comprado no comércio, seguido pelas mercadorias do ramo vestuário com 38%, detendo uma parcela significativa das vendas.

Gráfico 2: Produtos mais comercializados da Feira

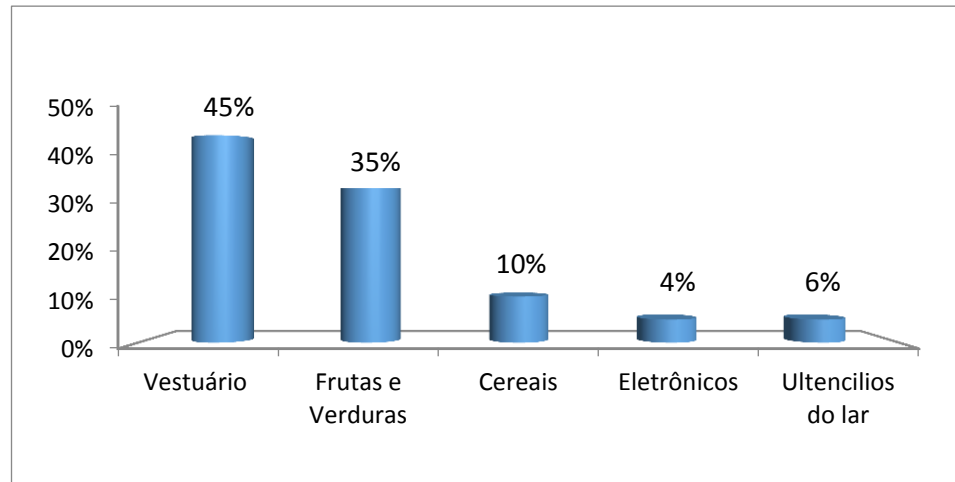


Fonte: Dados da pesquisa de campo, jul./2014.

Em contra partida ao exposto anteriormente, o Gráfico 3, aponta os produtos com maiores índices de crescimento, em detrimento a ocupação do espaço e na quantidade elevada de mercadorias. Neste cenário, os produtos oriundos do setor vestuário representam 45% do espaço e da quantidade de mercadorias, seguido pelas frutas e verduras com 35%. Deste modo, a pesquisa aponta que o comércio de Umbuzeiro se expande a partir das confecções

advindas das cidades do Agreste Pernambucano como: Toritama, Santa Cruz do Capibaribe, Surubim e Caruaru.

Gráfico 3: Produtos com maior ocupação no espaço e quantidade no Espaço



Fonte: Dados da pesquisa de campo, jul./2014.

Com anos de existência no contexto local, a Feira de Umbuzeiro prevalece nos dias atuais com inúmeros fatores vinculados a sua origem. Em contrapartida houve a necessidade de englobar outras atividades para manter-se no comércio, desta forma, a mesma prevalece na economia local com relevância, tornando-se fundamental para as populações consumidoras do lugar.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É fundamental reconhecer que as atividades desenvolvidas na Feira de Umbuzeiro, são práticas indispensáveis no cenário econômico do entorno. O longo período de atuação na localidade remete as feições vivenciadas por este mercado desde o seu surgimento, ainda na condição de relações de troca em diferentes partes do mundo, sendo na Região Nordeste desempenhada com maior expressividade. Podemos vislumbrar as permanências existentes na Feira de Umbuzeiro no contexto contemporâneo, evidenciando suas problemáticas e as possíveis eficiências que comprometem a sua conservação e existência no meio atual.

Vale salientar que em contra posição a outras feiras livres referenciadas, Umbuzeiro possui particularidades evidentes nos diferentes eixos que movimentam a sociedade, como: a cultura, relações de vivência entre clientes e feirantes, penetração de novas categorias e produtos e aumento significativo da feira nas ruas adjacentes, a exemplo do setor vestuário,

que na pesquisa foi apontado com 45%, no que toca à ocupação do espaço e em quantidade de mercadorias.

É um fato notório que progresso da atividade efetiva-se naturalmente na localidade, havendo diferentes opiniões orquestradas pelos membros que utilizam com certa frequência o local. A partir das entrevistas realizadas no interior da feira livre, podemos destacar a satisfação dos feirantes responsáveis pelas novas feições do mercado em contra posição alguns vendedores com maior tempo de atuação na cidade.

Diante dessas imposições explicitadas a partir dos relatos, compreende-se que no entorno da feira livre existem hierarquias espaciais, subdivididas a partir da incidência de um mesmo produto em partes significativas do livre comércio. Estas junções são vistas pelos membros como um sinal de competitividade, haja vistas a centralização de mercadorias do mesmo gênero situado nas proximidades. Estas territorialidades são em sua maioria as únicas formas de organização espacial efetivada no livre comércio umbuzeirense, não sendo desempenhada através de reuniões e nem processos sistemáticos. Ocorrendo apenas a junção de materiais do mesmo viés de consumo, regido apenas pelo deslocamento do cliente com maior efetividade em um determinado local. Outro ponto para a incumbência dessas centralidades advém da posição de antigos feirantes situados em pontos estratégicos da feira. Desta forma, novos comerciantes buscam vender seus produtos em locais onde há maior incidência de artigos da mesma categoria.

Questionados, os clientes apontaram que 45% dos produtos vendidos são advindos do setor de frutas e verduras, números atribuídos a inexistência destas mercadorias no comércio formal desempenhados durante a semana. O domínio dos vestuários apresenta 38%, pela expansão territorial atingida bem como a diversidade de produtos que são dispostos a cada encontro. As demais áreas do comércio apresentam-se com menor proporção em números, porém são decisivas em relação à diversificação e oferta de produtos na feira, estas são responsáveis por dinamizar o livre mercado, bem como possibilita o oferecimento de serviços diferenciados do mercado semanal.

Para as pessoas moradoras da cidade e dos municípios vizinhos que utilizam o espaço do livre comércio da cidade, o ato de comprar é apenas umas das facetas que a feira pode oferecer. Entre outras atividades, estas são surpreendidas com diferentes manifestações de cunho: cultural (comidas típicas, cantorias, artesanato, entre outros), as relações de afetivas entre clientes e vendedores, são cultuadas ao longo das gerações. Ir aos sábados na porção central de Umbuzeiro é deparar-se com as feições nítidas da criação do município, pois além das casas que denunciam a arquitetura histórica, arraigadas com a feira, ambiente conotado

como agente fundador da localidade, é recriar um arcabouço antigo e incontestável de permanência enquanto meio econômico e sociocultural.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. C. **A Terra e o Homem no Nordeste**. São Paulo: Brasiliense, 1963.

COUTINHO, E. P.; NEVES, H. C. N.; NEVES, H. C. N.; SILVA, M. G. **Feiras livres do brejo Paraibano: crise e perspectivas**. XLIV Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural, Fortaleza, 23 a 27 de Julho de 2006.

DANTAS, Geovany Pachelly Galdino. **Feiras no Nordeste**. Mercator - Revista de Geografia da UFC, vol. 7, núm. 13, 2008, pp. 87-101, Universidade Federal do Ceará. Brasil.

GOMES, J. Eduardo. **Umbuzeiro 100 anos: Nossa Terra, Nossa História, Nossa Gente**. Umbuzeiro: Gráfica Offset Marcone, 1995.

GONÇALVES, Daniel. **Os bastidores de uma feira livre, consumidores e feirantes falam sobre o velho hábito de ir a feira**. Cenas Urbanas, Eclética, junho/julho 2007.

IBGE, Censo Demográfico 2010. Disponível em: <[HTTP:// WWW.censo2010.ibge.gov.br](http://www.censo2010.ibge.gov.br)>.

LIMA, A. E. F.; SAMPAIO, J. L. F. **Na Feira a gente encontra de tudo...: Aspectos da formação espacial da Feira-Livre de Abaiara, Ceará**. In: V Simpósio Internacional de Geografia Agrária/ I Simpósio Nacional de Geografia Agrária, 2009, Niterói. Anais (Simpósio Nacional de Geografia Agrária. Simpósio Internacional de Geografia Agrária. CD-ROM). Niterói: UFF, 2009.

LIRA, Sonia Maria de. **Muito além das feiras de sulanca: a produção da confecção no Agreste/PE**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011.

MASCARENHAS, Gilmar. **Feira livre: territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea**. Revista Ateliê Geográfico. UFG, vol.2, n.4, p,72-87. Goiânia 2008.

PINTAUDI, Silvana Maria. **O lugar do supermercado na cidade capitalista**. Geografia, Rio Claro, v. 9, n. 17/18, p. 37-54, out. 1984.

SANTOS, Claudio Ressurreição. **O lugar da Feira Livre na produção do espaço da cidade contemporânea: Mudanças e Permanências**. Montes Claros. ENAMPEGE, UNESP, pp.769-774. Universidade Estadual Paulista, 2013.

SANTOS, Milton (2000) **Por uma outra globalização - do pensamento único à consciência universal**, Record, São Paulo.

APÊNDICE

Entrevista aos Clientes da Feira de Umbuzeiro-PB

1 A quanto tempo você utiliza os serviços da Feira Livre

2 Porque você opta ainda em comprar neste tipo de comércio?

3 Você vai a feira com frequência?

4 Na sua opinião, quais são os setores (produtos) que evoluíram e os que declinaram no seu período de atividade?

5 Como encontra-se a organização da Feira Livre e o que poderia ter sido feito para melhorar?

Entrevistado: _____

Entrevista aos Feirantes de Umbuzeiro-PB

1 A quanto tempo você trabalha na Feira livre de Umbuzeiro?

2 Porque você optou por este tipo de trabalho?

3 Qual (quais) produto você comercializa?

4 Na sua opinião, quais são os setores (produtos) que evoluíram e os que declinaram no seu período de atividade?

5 Você tem outras funções ou apenas trabalha na Feira Livre?

Entrevistado: _____

QUESTIONÁRIO DIRECIONADO AOS FEIRANTES DA FEIRA DE UMBUZEIRO.
ARTIGO: A FEIRA DE UMBUZEIRO-PB: ESTRUTURA, CRESCIMENTO E DINÂMICA ESPACIAL.

Entrevistado: _____

1- A quanto tempo você vende suas mercadorias na Feira Livre de Umbuzeiro?

1. 01 ano 2. 02 anos 3. 05 anos 4. 10 anos 5. A mais de 10 anos

--	--	--	--	--

2- Na sua opinião como anda a infraestrutura disponibilizada para feira livre?

1. Péssima 2. Regular 3. Boa 4. Ótima

--	--	--	--	--

3- Quais são os produtos você comercializa na feira?

1. Frutas e Verduras 2. Cereais 3. Eletrônicos 4. Vestuário 5. Utensílios do lar 6. Outros

--	--	--	--	--	--

4- Onde você mora?

1. Umbuzeiro 2. Casinhas PE 3. Orobó-PE 4. Gado Bravo-PB 5. Natuba- PB 6. Outros

--	--	--	--	--	--

5- Qual a origem (Cidade), dos seus produtos?

6- Qual a frequência que você utiliza este espaço para vender suas mercadorias?

1. Semanalmente 2. Quinzenalmente 3. Mensalmente 4. Anualmente

--	--	--	--

7- Qual sua renda mensal?

1. ½ Salário 2. 1 Salário 3. 2 Salários 4. 3 Salários 5. 4 Salários 6. A cima de 5 Salários

--	--	--	--	--	--

8- Você possui outro (s) emprego (s)?

1. Sim 2. Não

--	--

9- Você vende suas mercadorias em outras Feira Livres de cidades circunvizinhas?

1. Bom Jardim 2. Orobó-PE 3. Gado Bravo-PB 4. Natuba- PB 5. Outros 6. Não

--	--	--	--	--	--

10- Na sua opinião a Feira de Umbuzeiro é satisfatória em volume de vendas?

1. Péssimo 2. Regular 3. Boa 4. Ótima

--	--	--	--

QUESTIONÁRIO DIRECIONADO AOS CLIENTES DA FEIRA LIVRE DE UMBUZEIRO.
ARTIGO: A FEIRA DE UMBUZEIRO-PB: ESTRUTURA, CRESCIMENTO E DINÂMICA
ESPACIAL.

Entrevistado: _____

1- A quanto tempo você utiliza os serviços da Feira Livre de Umbuzeiro

1. 01 ano 2. 02 anos 3. 05 anos 4. 10 anos 5. A mais de 10 anos

--	--	--	--	--

2- Na sua opinião como anda a infraestrutura da feira livre?

1. Péssima 2. Regular 3. Boa 4. Ótima

--	--	--	--

3- Na sua opinião quais são os produtos mais comercializados na feira?

1. Frutas e Verduras 2. Cereais 3. Eletrônicos 4. Vestuário 5. Utensílios do lar

--	--	--	--	--

4- Para você, qual a categoria de produtos que encontra-se em maior quantidade na feira?

1. Frutas e Verduras 2. Cereais 3. Eletrônicos 4. Vestuário 5. Utensílios do lar

--	--	--	--	--

5- Onde você mora?

1. Umbuzeiro 2. Casinhas PE 3. Orobó-PE 4. Gado Bravo-PB 5. Natuba- PB 6. Outros

--	--	--	--	--	--

6- Qual a frequência que você utiliza este espaço?

1. Semanalmente 2. Quinzenalmente 3. Mensalmente 4. Anualmente

--	--	--	--

7- Qual sua renda mensal?

1. ½ Salário 2. 1 Salário 3. 2 Salários 4. 3 Salários 5. 4 Salários 6. A cima de 5 Salários

--	--	--	--	--	--

8- Frequenta outra Feira Livre?

1. Bom Jardim 2. Casinhas PE 3. Orobó-PE 4. Gado Bravo-PB 5. Natuba- PB 6. Outros

--	--	--	--	--	--

9- Para você qual, a parte mais organizada da feira de Umbuzeiro?

1. Frutas e Verduras 2. Cereais 3. Eletrônicos 4. Vestuário 5. Utensílios do lar

--	--	--	--	--

10- Para você, qual a parte menos organizada da feira de Umbuzeiro?

1. Frutas e Verduras 2. Cereais 3. Eletrônicos 4. Vestuário 5. Utensílios do lar

--	--	--	--	--

11- De modo geral, que conceito você daria ao serviço prestado pela Feira Livre de Umbuzeiro?

1. Péssima 2. Regular 3. Boa 4. Ótima

--	--	--	--